

SIMPÓSIO AT143

O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR: UMA PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO

RUIZ, Alcione Lopes
ProfLetras – UNESP
alcionegarcia2007@gmail.com

LONGO, Giovanna
ProfLetras – UNESP
giovanna.longo@unesp.br

Resumo: É sabido que o aprendizado da leitura não resulta de uma competência adquirida espontaneamente ao longo da experiência escolar, nem da sistematização de tópicos gramaticais. É preciso conduzir o caminho para que se possa construir sensibilidade para questões de linguagem e tornar a leitura, de fato, um processo de construção de sentidos. O presente trabalho apresenta etapas de um projeto que busca desenvolver uma proposta com atividades práticas de leitura, a ser aplicada em escolas de ensino fundamental a fim de complementar o currículo de Língua Portuguesa, no que tange a formar leitores fluentes, autônomos e críticos. Essa proposta encontra embasamento no Dialogismo bakhtiniano e no Sociointeracionismo de Vygotsky e se insere no contexto do Letramento Literário e Linguístico. Sua elaboração e desenvolvimento se darão a partir da experiência como docente da EMEF “Professora Nilce Delfini Diziola”, localizada em Oscar Bressane – SP, cujos índices, como IDEB, estiveram sempre acima da média do Estado. O trabalho prevê um percurso que contemple práticas de decodificação de leitura, leitura em voz alta, socialização de experiências leitoras e letramento literário, legitimando, assim, o espaço da sala de aula como espaço de leitura.

Palavras-chave: leitura; letramento; formação de leitor.

Abstract: We know that learning to read does not result from a spontaneously acquired competence throughout the school experience, nor from the systematization of grammatical topics. It is necessary to lead the way for the student to build sensitivity for language issues and to make reading a process of sense building. This paper presents steps of a project that seeks to develop a proposal with practical reading activities, to be applied in elementary schools in order to complement the Portuguese Language curriculum, in what concerns to train fluent, autonomous and critical readers. This proposal is based on Bakhtinian Dialogism and Vygotsky's Socio-Interventionism and is placed in the context of Literary and Linguistic Literacy. Its elaboration and development will be based on the experience as teacher of EMEF "Professor Nilce Delfini Diziola", located in Oscar Bressane - SP, whose indexes, like IDEB, were always above the state average. The work provides a course that includes practices of reading decoding, reading aloud, socialization of reading experiences and literary literacy, thus legitimizing the space of the classroom as a space for reading.

Keywords: reading; literacy; reader training.

Introdução

À escola cabe a formação do leitor e o aproveitamento dessa habilidade como um fator auxiliar na formação integral do aluno, já que a leitura propicia um diálogo com o mundo, com o conhecimento acumulado e é um agente da experiência. Para tanto, é preciso desenvolver atitudes de diálogo com os diversos tipos textuais e estimular diferentes abordagens.

O fracasso escolar na Educação Básica tem como causa a ineficiência na competência leitora: o aluno que não está plenamente alfabetizado não é capaz de compreender o que lê e interagir com as questões que a educação formal lhe impõe. Isso evidencia o grande desafio do professor em sua árdua tarefa de levar os alunos a formarem-se leitores autônomos e competentes, capazes de, nas diversas situações de interação a que estão submetidos, reagirem aos sentidos construídos pelos mais variados tipos de textos que circulam à sua volta.

Com intuito de complementar e dar prosseguimento a alfabetização do aluno que chega ao fundamental II, com problemas que vão desde a decodificação de leitura à interpretação de textos, propomos, a partir do projeto intitulado “O papel da escola na formação do leitor: uma proposta de encaminhamento” desenvolver atividades de letramento como forma de abordagem da leitura na sala de aula, no contexto da EMEF “Professora Nilce Delfini Diziola”, localizada em Oscar Bressane – SP.

1. A escola como espaço de letramento

É na escola que o sujeito tem contato sistemático com o conhecimento científico e tecnológico, e isso se dá fundamentalmente pelo acesso à escrita, que potencializa o desenvolvimento do pensamento mais abstrato, da capacidade de prever conscientemente situações, de projetar ações a longo prazo e de tomar decisões que não apenas contemplem necessidades imediatas e individuais (OLIVEIRA, 1995, p.156).

Ler e escrever é, assim, uma condição primordial para que o sujeito conquiste um lugar no mundo. Esse sujeito, que é social, necessita ampliar seu repertório a fim de acessar diferentes esferas do conhecimento e dar sustentação a diversas atividades que lhes são exigidas. Dessa forma, decodificar o código, associar ideias, ler as entrelinhas, posicionar-se, compreender e interagir com o mundo são práticas que se esperam da escola na formação do sujeito-leitor.

Para que um sujeito se torne leitor, é preciso desconstruir práticas arraigadas no ensino de língua materna em que se privilegiam o ensino taxonômico e monocórdico de apenas estruturas que sistematizam a língua como algo fixo e definido, descaracterizando sua plasticidade e vivacidade de órgão, que é parte deste ser social em seus diferentes usos (GERALDI, 2014).

A aprendizagem da leitura e da escrita apresentam três facetas simultâneas e interdependentes: a linguística, a interativa e a sociocultural (SOARES, 2016, p.29). Sendo a primeira entendida como a base no processo de alfabetização (reconhecimento das letras e atribuição do valor), passo decisivo para que as demais facetas se desenvolvam e as estratégias cognitivas e metacognitivas se ampliem, já que o processo ocorre por partes.

Para o sociointeracionismo, de Vygotsky, a relação do homem com natureza se realiza em um processo permanente de construção e constituição, no qual o Homem transforma, conforme a necessidade, o ambiente em que atua, e, por conseguinte, transforma-se também (CURADO, 2011, p. 32). Portanto, nesta relação o pensamento passa a ser mediado pela linguagem, de maneira que os ambientes biológico e social se conectam operando sobre o indivíduo que também age e transforma seu ambiente, numa relação de reciprocidade em que o sujeito internaliza a cultura, modificando-a numa relação dialética. Entendemos, assim, que

o papel constitutivo estruturante da linguagem em relação aos processos cognitivos (sem, contudo, explicitar os temas dessa relação) se dá na medida em que ele toma a linguagem como o principal mediador – necessariamente simbólico – entre as referências do mundo social e as do biológico. Com mediação do real a linguagem só pode ser apreendida como fenômeno cognitivo em termos relacionais (representacionais) já que para

Vygotsky aquilo que é interno não é espelho daquilo que é externo. Ou seja, a relação do homem com a realidade mediada pela linguagem só pode ser pensada no domínio da interpretação. (MORATO, 1996, p.17-8)

Se a escola é um espaço de letramento, e não se pode desconsiderar as facetas pelas quais o aluno aprende, é sua função de seus agentes refletir sobre essa prática e criar situações concretas que efetivem esse aprendizado, trazendo para a sala de aula a materialidade do texto em seu suporte específico, tornando este espaço um lugar onde, de forma sistemática, se lê, se socializa leituras, se discutem impressões e se constróem reflexões.

2. Decodificação e leitura em voz alta

Segundo Cagliari (1982, p.151), a leitura não é espelho da fala, tampouco, é um processo linear, ela se manifesta em dois eixos: o sintagmático (em que atinge o significado literal, através da leitura de palavra por palavra) e o paradigmático (que vai além do significado literal, possibilitando inferências de cada indivíduo). Tais eixos permitem interpretação tanto no ato de ler em voz alta como no aspecto semântico-pragmático.

Assim, a dimensão linguística, bem como outras dimensões, não é mera reprodução automática do pensamento, e, sim, de percepção de processos neurolinguísticos que ratificam sua complexidade de percepção e relação entre o que está expresso e que será “reproduzido”. Toda a leitura envolve, também, decifração e decodificação, sendo impossível ignorar este aspecto da linguagem humana (CAGLIARI, 1982, p.151).

Pantindo das facetas definidas por Soares (2016, p.29) buscamos legitimar o trabalho já desenvolvido em sala de aula com propósito de atuar no reconhecimento linguístico, na interação entre sujeitos e no atributo social da língua, em que o letramento transcende da dimensão individual, e envolve desde o domínio da tecnologia do ato de ler e escrever, até o conjunto de atividades sociais da língua escrita.

Em razão de muitos alunos chegarem ao 6º ano com uma leitura mecânica, é necessário, durante o processo de formação do Ensino Fundamental II, também priorizar atividades de leitura em voz alta, a fim de que realize uma leitura escolar¹ (de acordo com norma padrão) ou até mesmo, para dar vida à variante, conforme o dialeto em que se lê, já que escrita se materializa na leitura e todo texto escrito é produzido para ser lido.

Deslizes como trocas de fonemas, supressão de letra ou sílaba no interior da palavra, troca da ordem da sílaba e/ou da letra no interior da palavra, ritmo, pontuação, entoação, expressividade devem ser abordados nas aulas de língua portuguesa. Entendemos que a melhora possa ser alcançada com treino: o aluno, lendo em voz alta, e o professor, ouvindo e apontando eventuais falhas, sem que com isso o aluno abdique de seu dialeto. É preciso externar a expressão de outro, decifrar a escrita, entender a língua e decodificar todas as implicações do texto, para assim interagir com o raciocínio do outro.

Entendemos que esse processo de decodificação e compreensão de palavras, frases e sentenças facultam o processo de compreensão de argumentos, objetivos e intenções. Entretanto, a fluência no processamento de decodificação de leitura não é garantia para a compreensão do texto. Esta é apenas a etapa elementar do trabalho da leitura: o ato literal de ler, que falta aos alunos, já que muitas vezes, no Ciclo I, é o professor quem lê para a turma.

3. Socialização de leitura e letramento literário

A escola como instituição formal não tem se preocupado como deveria com letramento como prática social, isto é, com a dimensão ideológica da linguagem, e sim, com a prática do letramento-alfabetização para promoção e sucesso da própria escola, no que diz respeito, sobretudo, aos índices de avaliação. Ela reproduz a concepção de letramento autônomo, que desvincula

¹ Termo usado por Cagliari (1982)

o texto do seu fator social, ou melhor, do seu contexto de produção, recepção e uso da língua. Dentro desta perspectiva de letramento, o texto escrito possui autonomia e lógica interna, não dependendo de fatores externos imediatos e mediatos para fazer sentido (KLEIMAN, 1995 p.20-22).

Devemos entender que o

Letramento não pode ser considerado um “instrumento neutro” a ser usado em práticas sociais quando exigido, mas é essencialmente um conjunto de práticas socialmente constituídas que envolvem leitura e escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais. (SOARES, 1999, p. 74-5)

A troca de experiências leitoras no espaço da sala de aula promove o envolvimento e amadurecimento do leitor que expõe sua percepção, suas impressões, suas dúvidas e angústias; além disso, oportuniza que o outro também exponha sua relação com a obra, como coloca Cagliariari (1982, p.151): “a leitura [...] é sempre uma obra aberta. O leitor interfere a partir de suas experiências e cada leitura é diferente.”

Apropriando-se da linguagem, o aluno é capaz de gozar, fruir e assim interagir com o texto literário. Por ser fruto do trabalho humano, a literatura atua de forma flexível, pois adapta a visão de universo físico e as relações psicológicas de concepções distintas.

Partindo da ideia de que o aluno é um ser social e que a sociedade vive num mundo letrado, em que o signo linguístico se associa a outros, é preciso dar espaço para que este indivíduo socialize suas práticas, dividindo suas experiências como leitor de forma a concretizar a escola como um espaço de leitura. Isto quer dizer que, à medida que o aluno toma gosto pela leitura de textos literários, o professor se aprofunda na obra, evidenciando nuances e abrindo o universo sensível da linguagem, de forma que o aluno passe da compreensão para interpretação e a extrapolação conforme propõe o letramento literário (COSSON, 2009).

O letramento literário promove uma relação diferenciada com a linguagem, e a escrita tem o poder de dar corpo aos sentimentos humanos, de

forma que cabe à escola o papel de concretizar esta prática, já que se trata de um processo educativo e transformador, incapaz de efetuar-se espontaneamente. Conforme ressaltam Souza e Cosson (2011, p.103),

O letramento literário enquanto construção literária dos sentidos se faz indagando ao texto quem e quando diz, o que diz e como diz, para que diz e para quem diz. Respostas que só podem ser obtidas quando se examinam os detalhes do texto, configura-se um contexto e se insere a obra em um diálogo com outros tantos textos. Tais procedimentos informam quando objetivo desse modo de ler passa pelo desvelamento das informações do texto e pela aprendizagem de estratégias de leitura para chegar à formação do repertório do leitor.

Portanto, essa prática se estabelece como estratégia para a fundamentação da formação do leitor de maneira que incentive e valorize o caráter dialógico e interacional das práticas de leitura. Assim, a percepção do aluno amadurece à medida que a prática de socialização, troca e interpretação literária ganham espaço no contexto da sala de aula.

Considerações finais

O aprendizado da leitura é um processo dialógico de interação entre o texto/enunciado, o leitor e o mundo social, mediado pela linguagem, que dita as regras do jogo e impõem o papel a ser desempenhado de acordo com a situação comunicativa, direcionando intenções e reproduzindo vozes já ditas, acrescentando outras. Quanto maior a intimidade com essa linguagem, maior os vínculos e capacidade de circulação do indivíduo nas diferentes esferas sociais.

O exercício da leitura em voz alta como forma de se chegar a outros níveis de leitura, implica melhorar a decodificação, para que o leitor interaja melhor com o texto. A compreensão de um texto também perpassa por elementos fonéticos. A leitura em voz alta faculta a adequação do ritmo, da entonação, da velocidade, da expressividade e demais elementos supra-segmentais e pragmáticos, possibilitando a criança não fluente melhor

compreensão do texto, à medida que valoriza aspectos interpretativos, fonéticos e semânticos.

A partir desse trabalho é possível contemplar outras dimensões de leitura como o letramento literário através da socialização de leituras literárias. O objetivo do letramento literário escolar e do ensino da literatura na escola é formar uma cadeia de leitores, de pessoas que iniciam seu processo de letramento na escola e levam para vida, tendo condições de manipular instrumentos culturais e construir sentido para o mundo em que vivem.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1982

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

CURADO, Odilon Helou Fleury. Linguagem e dialogismo. *In*: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 26-33, v. 11. <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40353>. Acessado em 29/08/2018

GERALDI, João Wanderley. A produção dos diferentes letramentos. *In*: **Bakhtiniana**, São Paulo, 9 (2): 25-34, Ago./Dez. 2014.

KLEIMAN, Angela (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, Coleção Letramento, Educação e Sociedade, 1995.

MORATO, Edwiges, Maria. **Linguagem e cognição**: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem. São Paulo: Editora Plexus, 1996. p. 4-38

OLIVEIRA, M.K. Letramento, cultura e modalidades de pensamento. *In*: Kleiman, Ângela B. (Org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, Coleção Letramento, Educação e Sociedade. 1995. (9ª reimpressão 2006). p. 147-60.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**. Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2004. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/revista-patio/>>. Acesso em: 30 de jan. 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para sala de aula. **Repositório da Unesp**. São Paulo [sn]. 15 nov. 2011. <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40143>. Acesso em: 16 de jan. 2019